



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

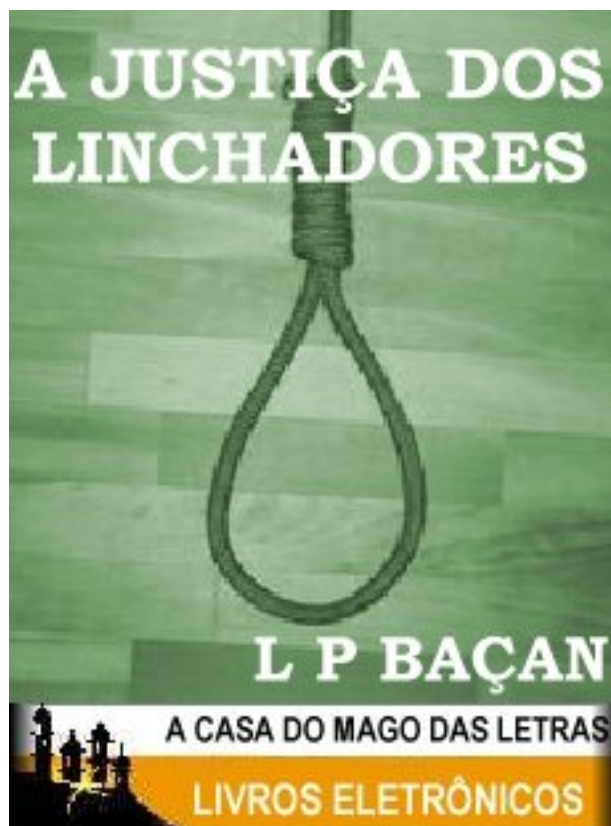
L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.





Seis homens conversam ao redor de uma fogueira, em algum ponto ao norte de Amarillo, Oklahoma, numa noite de outono, em meados do século passado.

Usavam capotes pesados sobre o corpo e traziam lenços no pescoço. A chama da fogueira iluminava rostos duros, marcados pela vida árdua do Oeste.

— Eu digo que o melhor lugar para isso são as terras ao redor do Lago Meredith. Poderíamos chamar a nova cidade de Meredith. Há muita madeira por lá e não teríamos problemas com água. Isso vai agradar os compradores — falou Sam Tyler, ajustando o casaco no corpo.

— Eu também pensei naquelas terras — respondeu Brad Marshall, outro dos vendedores de terras. — Só que tudo que está no lado norte do lago já tem dono.

— Ouvi dizer isso também — ajuntou Dave Danton. — São três irmãos que tomaram posse daquelas terras e não venderão por dinheiro nenhum.

— Três irmãos? — indagou Sam. — Com famílias?

— Mulher e filhos, se não me engano — respondeu All Cooper. — Vamos ter de agir. Fazer o que fizemos em Santa Rosa.

— Rapaz! Aquilo sim foi um linchamento de verdade — riu Clarck Pleasant.

— Podíamos fazer o mesmo — propôs Bert Cooper, irmão de All.

— São três armas a nossa espera. Devemos agir com cautela — falou Sam. — Não basta ir chegando e atirando. Temos de fazer um plano de ataque para não cometermos nenhum erro. O que me dizem?

— Acho que Sam tem razão. Já rodamos a região toda nas últimas cinco semanas. Não há lugar melhor. O pessoal no leste quer comprar. Precisamos encontrar o que lhes oferecer.

— Fundaremos Meredith? — propôs Dave.

— Sim, Meredith! — responderam os outros.

— E o pessoal que mora lá?

— É fazer o que Sam propôs.

— Sim, isso mesmo — concordou Bert. — Já está tudo certo com o encarregado do Registro de Terras em Amarillo. Vai nos custar um bom dinheiro, porém valerá a pena. Se soubermos trabalhar desta vez, seremos os donos da cidade e nunca mais precisaremos repetir este golpe.

— Foi a coisa mais inteligente que ouvi nos últimos tempos, irmão — concordou All.

— Certo, pessoal! Vamos começar um esquema de vigilância naquelas terras, acompanhando aquele pessoal e estudando a melhor forma de pegá-los de surpresa — propôs Sam.

— Eu estive lá e observei algumas coisas — comentou Brad. — Eles recolhem as vacas de leite ao entardecer, fechando-as no estábulo. Bastará atear fogo lá e eles ficarão desesperados para salvá-las e poderão ser pegos de surpresa — opinou Dave.

— É um plano — disse Sam. — O que me dizem os outros?

— Digo que poderíamos tentar isto hoje. A lua cheia logo sairá e poderemos cavalgar até lá. Estamos próximos. Chegaremos a tempo de liquidar tudo isto antes da meia-noite — propôs Clarck.

— Ok! Quem está comigo? — perguntou Sam e todos confirmaram. — Então vamos lá! Quanto mais cedo liquidarmos com isso, mais cedo teremos a nossa cidade, rapazes.



Os três irmãos Sherman haviam chegado àquelas terras poucos anos antes e tomado posse, pois eram terras do governo. Com dificuldade, juntamente com as esposas, começaram a explorar o rico potencial daquele lugar.

Cada um deles teve um filho, mais ou menos na mesma época. Os garotos completariam

cinco anos dentro de alguns meses. Embora a vida fosse difícil e o trabalho fosse de sol a sol, os três estavam satisfeitos, pois sabiam que um grande futuro estava reservado para suas famílias.

Naquela noite, os três haviam se reunido na casa de Bud Sherman, o caçula dos três. Juntamente com as famílias, jantavam e conversavam.

Os garotos brincavam do lado de fora, apesar da noite fria. A lua cheia jogava uma claridade exuberante pelo pasto, pelas árvores que se desfolhavam e sobre a superfície tranqüila do lago.

— Pai! — gritou Roy Sherman, surgindo na porta.

— Roy, eu já lhe disse para brincar lá fora e não incomodar os adultos — repreendeu-o sua mãe.

— Mas mãe... É o estábulo...

— Maldição! — gritou Lane Sherman, que fora até a janela olhar. — O estábulo está pegando fogo!

— Como? — surpreenderam-se os outros dois irmãos, levantando-se e correndo para fora da casa.

Havia fogo no interior da construção. Os animais começaram a se debater, assustados.

— As vacas! — gritou Molly Sherman, mãe de Roy.

Os três homens correram para o estábulo desesperadamente, seguidos pelas mulheres. As crianças ficaram diante da casa, assustadas, observando.

Bud Sherman abriu a porta do celeiro. Os cavalos, que haviam arrebetado as baias, saíram em disparada, atropelando-o.

— Bud! — gritou sua esposa, angustiada.'

Os outros irmãos correram retirá-lo do caminho dos animais.

— Estou bem! — afirmou ele, embora sentisse dor nas costelas, quando respirava.

— As vacas! — insistiu Molly.

Roy correu para dentro do estábulo e as soltou, espantando-as para fora.

As vacas dispararam mas, quando chegaram fora do estábulo, foram abatidas a tira.

— Não! — gritou Molly, já que aqueles animais eram importantes na sobrevivência das famílias, fornecendo leite, manteiga e queijo.

Seis homens saíram da escuridão e cercaram os três casais, apontando-lhes suas armas.

Usavam lenços cobrindo os rostos e pesados capotes.

— Quem são vocês? O que querem? — indagou Roy.

— Queremos as terras, só isso — disse Sam, a voz abafada pelo lenço que lhe cobria o rosto.

— Não vamos vender! — afirmou ele.

Os homens riram.

— Não viemos comprar. Vamos ficar com as terras, só isso.

— Temos o registro provisório do governo...

— Como você disse, provisório. Acaba de ser caçado.

Os irmãos se olharam. Haviam deixado as armas nas suas casas. Estavam indefesos, sem chance de defesa.

— Terão de nos matar — falou Bud, esforçando-se para se levantar.

— Foi para isso que viemos, pessoal. Não nos deixam escolha — falou Sam e as armas foram engatilhadas.

— Não... Poupem as mulheres e as crianças — pediu Lane, aproximando-se.

— Sem chance — respondeu Sam, fazendo um sinal para os outros.

Lane havia conseguido se aproximar o bastante para segurar o cabresto do cavalo de Sam.

Puxou-o com força, torcendo-o, fazendo o cavalo tombar para o lado e derrubar o cavaleiro.

Avançou sobre ele, chutando-lhe a boca com violência. Sam sentiu pedaços de seus dentes voarem e cuspiu sangue.

Apertou o gatilho. A bala atravessou a perna de Lane, que gemeu e cambaleou, indo cair nos braços da esposa.

— Maldito! — berrou Sam, cuspiendo lascas de dentes com sangue. — Amarrem-nos.

Os homens desmontaram e, com seus laços, amarraram os três casais.

— As crianças, onde estão? — quis saber Sam.

— Corram, meninos! Corram! — gritaram suas mães.

Roy, o mais esperto deles, segurou os primeiro pelas mãos e puxou-os.

Correram na direção do bosque à margem do lado.

— Atirem, seus idiotas! — berrou Sam.

Os homens dispararam na direção dos garotos, que desapareceram nas sombras do bosque.

As balas assobiaram, ricocheteando, fazendo um som terrível e assustador.

Ben, o filho de Lane, foi jogado no chão, quando uma bala o atingiu na perna, pouco acima do joelho.

— Ajudem-me — pediu ele aos primos, que pararam e voltaram.

— O que foi? — quis saber Jack.

— Minha perna... Está pegando fogo...

Roy tateou o local e sentiu o sangue escorrendo. Ben gemeu, quando a ferida foi tocada.

— Temos de ir embora... Você tem que andar, Ben... — pediu Roy.

— Não posso... Está doendo muito...

— Venha... Ajude-me, Jack — pediu Roy, fazendo Ben se levantar.

Amparam o primo e caminharam bosque a dentro. Os tiros haviam parado.

Procuraram um local seguro e ficaram escondidos.

— O que eles vão fazer com minha mãe? — quis saber Ben.

— Não sei, Ben. Fique quieto. Eles podem estar procurando a gente — recomendou Jack.

— São bandidos... São maus... Atiraram em Lane — murmurou Roy.

De repente, ouviram gritos de dor, seguidos de uma algazarra dos cavalos.

— O que está acontecendo, Roy? — perguntou Ben, trêmulo e assustador.

— Não sei, Ben. Fique quietinho. Eles podem achar a gente.

— Eu quero a minha mãe... Está doendo... Doendo muito — reclamou a criança.

— Não fale! — pediu Jack, pedindo silêncio.

Os cavaleiros vieram na direção do bosque.

— Sei, Sam! Como vamos nos livrar desses garotos?

— Maldição! Como vou saber? Aquele maldito quebrou meus dentes... Dói tanto que nem consigo pensar...

— Vamos pôr fogo no bosque — sugeriu Brad.

— Isso, vamos fazer franguinhos assados — riu Bert, cavalgando até o estábulo.

Voltou com algumas tochas acesas, que distribuiu entre os outros.

As folhas secas, derrubadas pelo outono, incendiaram-se rapidamente. O fogo avançou, devorando o bosque com extrema facilidade.

— Á água... Vamos para a água... — alertou Roy, puxando seus primos.

Ben gemeu de dor, mas, amparado pelos outros, conseguiu chegar até o lago.

Atiraram-se na água fria e se afastaram do bosque em chamas.

Os cavaleiros deram-se por satisfeitos. Esporearam seus cavalos e se afastaram a galope.

— Temos de ir para Amarillo registrar a terra — ainda disse Sam, antes de se perderem ao longe.

As crianças agarraram-se a um tronco e ficaram flutuando no lago, distantes do fogo.

O frio ameaçava congelá-los, mas permaneceram firmes, com medo de voltar a terra.

A perna de Ben parou de sangrar. A água gelada contraiu o ferimento, impedindo que ele sangrasse até morrer.

Só mais tarde, bem mais tarde, quando o bosque havia sido consumido pelas chamas e fumegava apenas, decidiram voltar.

Roy convenceu os primos.

— Eles podem estar esperando — disse Ben, assustado.

— Não, eles já foram. Tenho certeza — afirmou Roy.

— Eu estou com medo... O que eles fizeram com minha mãe? E com meu pai? — choramingou Jack.

O estábulo ainda ardia. Havia muito feno estocado lá dentro. Os fardos queimavam lentamente, em meio aos escombros.

Os garotos, tiritando de frio, voltaram à margem e caminharam lentamente na direção da luz.

Ben mancava. Apenas doía. Roy lhe improvisara uma muleta com um galho de forquilha.

— Não! mamãe! Papai! — berrou Jack, desesperado, diante da cena.

As seis pessoas estavam penduradas num carvalho que havia próximo do estábulo.

Seus pescoços estavam torcidos grotescamente. Oscilavam, como pesadas folhas ao vento.

Os cavaleiros haviam amarrado suas mãos e pés, depois foram erguidos pelo pescoço.

No desespero e no estertor da morte haviam liberado seus intestinos, tornando a cena mais nauseabunda ainda.

As pobres crianças caíram de joelhos, olhando tudo aquilo sem entender.

Roy lutou contra as lágrimas que teimavam em inundar seus olhos.

Viu algo no chão, a sua frente. Apanhou. Eram três pedaços de dentes, manchados de sangue.

Apertou-os na mão. Pertenciam a Sam. Ouvira a conversa deles antes de incendiarem o bosque.

— Vejam, primos — disse ele, mostrando.

— O que é? — quis saber Jack, aturdido, passado, chocado.

— Pedaços de dentes... Daquele homem... Sam é o nome dele. Não devemos esquecer.

— Quero ficar com um pedaço — disse Ben.

— Eu também — pediu Jack.

— O outro é meu. Um dia, primos, um dia nos cresceremos e usaremos armas. E então nós vamos procurar o dono destes pedaços de dentes e vingaremos nossas famílias.

— Mamãe disse que a vingança pertence ao Senhor — falou Ben.

— Mas deve ter dito também "olho por olho, dente por dente, não?"

— Sim... Mas o que vamos fazer, Roy — soluçou Jack, olhando angustiando os corpos de seus pais pendurados no carvalho, diante de seus olhos.

— Vamos enterrá-los? — perguntou Ben.

— Não... — disse Roy, com lágrimas nos olhos, apertando com tanta força o pedaço de dente em sua mão que ele chegava a feri-lo.

— Mamãe disse que se deve enterrar os mortos — opinou Ben, soluçando.

— Temos que ir embora... Se ficarmos, eles vão voltar e nos matar — disse Roy, levando a mão à boca e assobiando de modo estridente.

Repetiu mais algumas vezes.

— É Millie! — apontou Ben.

A égua de estimação de Roy se aproximava mansamente.

— Vamos pegar comida... Se souberem onde tem dinheiro, peguem... Vamos precisar... — ordenou Roy, sem conseguir desviar os olhos da grotesca visão a sua frente.

— Para onde vamos, Roy? — quis saber Ben.

— Oklahoma City, na casa do vovô.

— Mas não sabemos onde é?

— Perguntaremos.

— Vamos nos perder.

— É arriscar ou ficar aqui e morrer.

— É muito longe — reclamou Jack.

— Vovô era um pistoleiro. Papai sempre contava histórias sobre ele. Se há alguém que pode nos ensinar a atirar, esse é o vovô — falou Roy, indo até sua casa.

Juntou comida. Sabia onde sua mãe escondia o dinheiro. Pegou-o.

Depois parou junto à porta olhando o cinturão e o revólver pendurados num cabide de galho.

Estendeu a mão e apanhou-os.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

